

Um projeto de um projeto: a experiência Barracão.

Vinicius Wagner Oliveira Santos¹

RESUMO:

Este texto é um recorte da dissertação de mestrado “A produção de sentidos no Barracão: discurso, inclusão e subjetivação”, pesquisa realizada no Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, desenvolvida no âmbito do *Projeto Barracão: Eldorado dos Carajás*, um projeto de extensão na linha de Arte e Cultura, com vistas ao social, aprovado em edital pelo Ministério da Educação e executado pelo Laboratório de Estudos Urbanos, da Universidade Estadual de Campinas. Esse estudo partiu da perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa, tendo como base teórica fundamental os conceitos e reflexões de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. A partir de uma análise das atividades do projeto, buscamos compreender o modo de funcionamento do discurso de Inclusão Digital no processo de subjetivação dos sujeitos e individualização dos mesmos pelo Estado, com o intento de, a partir disso, sustentar a posição de que o discurso da inclusão é essencialmente contraditório, na medida que ele próprio produz os sentidos da exclusão. Neste texto, pretendemos fazer uma conceituação do projeto e trazer um breve relato de algumas das atividades, de modo a conseguir ilustrar o que foi a experiência com o projeto Barracão, bem como problematizar alguns pontos que nos foram centrais no âmbito da pesquisa mencionada.

Palavras-chave: inclusão social, subjetivação, inclusão digital, Análise do discurso, políticas públicas.

ABSTRACT:

This text is an excerpt of the master thesis "The production of meanings in Barracão: discourse, inclusion and subjectivation", research conducted at the Institute of Language Studies and Laboratory of Advanced Studies in Journalism of the State University of Campinas, developed out within the Project Barracão: Eldorado dos Carajás, an extension project in Art and Culture line, aiming at the social, approved in a Ministry of Education's edict and implemented by the Laboratory of Urban Studies of the State University of Campinas. This study was based on the theoretical perspective of the Discourse Analysis of the French line, based on fundamental theoretical concepts and ideas of Michel Pêcheux and Eni Orlandi. From an analysis of project activities, we seek to understand the operation of the discourse of Digital Inclusion in the process of subjectivation of the subjects and individualization of them by the State, with the intent to sustain the position that the discourse of inclusion is essentially contradictory, since he himself produces the senses of exclusion. In this paper, we make a conceptualization of the project and bring a brief report of some of the activities in order to be able to illustrate what was the experience with the project Barracão, as well as raise some issues that have been central in the research mentioned.

Keywords: social inclusion; subjectivity, digital inclusion, Discourse analysis, public policy.

1. Introdução

Este texto é um recorte do meu trabalho de mestrado, realizado junto ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas. Aqui, a proposta é trazer uma conceituação básica e um

¹ Mestre em Divulgação Científica e Cultural (IEL/Labjor/Unicamp). Doutorando em Política Científica e Tecnológica (DPCT/IG/Unicamp). Contato: viniciusgnu@gmail.com

breve relato de experiência de um período de atuação junto ao *Projeto Barracão: Eldorado dos Carajás*, projeto de extensão na linha de Arte e Cultura, aprovado em edital pelo Ministério da Educação. Meu trabalho inscreve-se na perspectiva teórica da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, com base teórica fundamental calcada na obra de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, compreendendo o social em suas tensões, a produção de sentidos e o conflito entre o político e o simbólico.

O *Projeto Barracão* é executado pelo Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Estadual de Campinas (Labeurb/Unicamp), desde fevereiro de 2010. Nossa análise, junto às atividades do *Projeto Barracão*, foi pensada de modo a compreender as (res)significações e modos de produção de sentido que predominam na comunidade onde as atividades do projeto acontecem, sendo que nosso foco principal foi a análise do discurso de inclusão digital² em funcionamento. O Núcleo Eldorado dos Carajás é uma comunidade com pouco mais de dois mil habitantes e está localizado na região do Ouro Verde, na cidade de Campinas/SP. Esse núcleo começou com uma ocupação e, hoje, já está na categoria de bairro. Nesse local é desenvolvido o *Projeto Barracão*, que tem como meta principal afetar a realidade social dos moradores de modo a estimular uma construção de sentidos por parte da comunidade através da produção de conhecimentos.

2. Espaço simbólico Barracão

Os mecanismos utilizados nesse processo consistem em uma série de atividades, todas circundando o Barracão, espaço físico pertencente ao núcleo que faz parte da história do grupo, sendo atravessado por discursos e sentidos que são constitutivos do trajeto de luta da comunidade, desde seu início. É um espaço utilizado, principalmente, para projetos sociais desenvolvidos no bairro, hoje abrigando as atividades com as crianças nos projetos de incentivo ao esporte que lá são desenvolvidos.

Primariamente, o *Projeto Barracão* foi planejado com uma série de atividades que aconteceriam no espaço físico Barracão. Dessa forma, esse espaço denominado Barracão seria tratado em uma perspectiva multifacetada, com o intuito de propiciar outros sentidos ao mesmo, promovendo a coexistência do *Barracão da leitura*, *Barracão da arte*, *Barracão da música*, *Barracão da ciência*, *Barracão da tecnologia*, *Barracão das mulheres* etc..

² Neste trabalho, deve-se considerar a articulação das atividades iniciais do projeto, que constituíram, também, a preparação para as oficinas de informática posteriores. Para mais detalhes sobre as oficinas que dizem respeito diretamente às práticas ligadas à “Inclusão Digital”, ver Santos (2012).

No decorrer das atividades, com a vivência do processo e com as dificuldades estruturais que a equipe do projeto enfrentou, principalmente no que tange à “inclusão digital”³, foi necessária uma modificação no local de realização das atividades, que, atualmente, ocorrem no espaço físico da Associação de Moradores do Eldorado. No jogo do conflito, deparamo-nos com o primeiro impasse, o imaginário acadêmico sofre o primeiro grande deslize, um ponto de deriva que põe em xeque o próprio nome atribuído ao projeto.

Orlandi (2008, p. 103) nos diz que “a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (ou outros) lugares”. Nesse jogo de conflitos dos sentidos do espaço, ocorre a construção de um novo/outro lugar. O espaço de sociabilidade previamente imaginado se desloca, ocasionando uma necessidade de ressignificação da noção de *lugar* atribuída ao Barracão. Dias (2011a, p. 51) dirá que “a cidade é um espaço constituído pelo público e pelo urbano, constituído por lugares de sociabilidade, nos quais os sentidos se produzem no entrecruzamento das subjetividades”. E é justamente esse entrecruzamento de subjetividades que constituirá a base do deslocamento da noção de lugar do Barracão. Nunes (2006, p. 50) nos lembra que “os cruzamentos são pontos de contato de sujeitos na cidade. Lugares em que fica visível o ajuntamento de uma diversidade de sujeitos urbanos” e, aqui, nos encontramos em um desses cruzamentos, que constitui o Barracão enquanto espaço de sociabilidade, a saber, a Associação de Moradores do bairro.

Pela própria forma e funcionamento discursivo do percurso traçado no projeto, houve um deslocamento de sentido no cenário anteriormente imaginado, sendo que o Barracão passou de *espaço físico* a um *espaço simbólico de produção de sentidos*⁴. O que estamos tentando demonstrar é que um lugar é sempre um espaço de construção de sentidos, “cuja singularidade é construída pela 'territorialidade subjetivada' (GUATTARI, 1985), mediante práticas sociais e usos semelhantes” (LEITE, 2007, p. 284), nesse caso, a partir das práticas e das atividades de projeto que constituem o *Barracão*. Mas

a noção de lugar, menos genérica e abrangente que a de espaço, retém uma distinção: podemos entender os lugares como demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados

³ Apesar de utilizar esse termo em alguns momentos para fazer referência ao discurso circulante sobre o tema, nossa perspectiva é a de que o discurso de inclusão digital é essencialmente contraditório, sendo que apontaremos algumas sugestões de deriva mais adiante.

⁴ Na formulação do projeto Barracão, já se tinha isso como um objetivo, ou seja, é uma formulação própria do projeto. O que faço, nesse momento, é ressaltar que isso, de certa forma, já pode ser observado no atual estágio do projeto.

reflexivamente. Um lugar pode, enfim, ser entendido como uma forma estriada de espaço, na medida em que consiste, como definiu Guattari (1985), em “territórios de subjetivação” (Ibid., p. 35).

Dessa forma, o Barracão, enquanto espaço simbólico, passa a configurar-se no âmbito de uma *territorialidade subjetivada*, na medida em que se desloca sua noção de *lugar* de uma delimitação *física* para outra determinada pelo *simbólico*, a partir de *práticas sociais e usos semelhantes*, sendo que a Associação de Moradores constitui-se em um dos espaços de sociabilidade materializados desse espaço simbólico de produção de sentidos que é o Barracão.

Em termos práticos, isso significa dizer que, independente do local específico da realização de cada atividade, os sujeitos continuam referindo-se ao projeto como *Barracão*, a equipe continua se planejando para realizar atividades no *Barracão*, ou seja, ao espaço físico Barracão foi agregado valor simbólico, fazendo com que o mesmo se fizesse presente na produção de sentidos e nos discursos circulantes da comunidade e da própria equipe do projeto.

O que está ocorrendo, nesse caso, é a produção de uma instância local de subjetivação coletiva, uma nova forma de subjetivação sendo criada, são possibilidades de escape à repetição, de sentidos de pertencimento e de ressingularização. É como diz Guattari (2000, p. 17): “o que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas”; independentemente do lugar de materialização, o *Barracão* se constitui e produz sentidos por seus discursos, atividades, sociabilidade, suas filiações.

3. Primeiras impressões: um relato

Desde fevereiro de 2010, essa experiência com o projeto vem sendo realizada através de oficinas (arte, leitura, cinema, informática etc.) desenvolvidas com os moradores do bairro. As oficinas são diversificadas e possuem fins específicos na realização dos objetivos do projeto:

O objetivo das oficinas é colocar o sujeito em confronto com sua realidade, a fim de mostrar que o sentido do espaço que ele habita, já significado como sendo de periferia, pode ser outro. Assim como o sentido dos espaços dos quais ele se sente excluído também pode ser outro. Nosso objetivo, portanto, é desnaturalizar a relação inclusão/exclusão, produzindo para essa “oposição”, outros sentidos, e demonstrando sua contradição (DIAS, 2011b).

A contradição aqui ganha um papel central. Contradição para a Análise de Discurso é “produzir como resultado uma causa de si” (PÊCHEUX, 1995, p. 157). A ideia-base que nos guiou em nossas análises é a de que o discurso de inclusão digital é essencialmente contraditório, pois ele próprio produz os sentidos da exclusão. Partimos da visão de que o par inclusão-exclusão não funciona como comumente concebido, isto é, o discurso de inclusão está calcado na existência da exclusão, porém não há exclusão digital em uma sociedade que funciona essencialmente pelos mecanismos do digital, com os sujeitos sendo incluídos nessa lógica, querendo ou não. Nesse cenário, é mais plausível se pensar em desigualdade, segregação, algumas produzidas, outras agravadas pelo digital.

Nesse sentido, tais desigualdades produzem efeitos diversos, estabilizando sentidos nas relações sociais. O objetivo primeiro do Projeto Barracão é colocar os sujeitos em confronto com sua realidade social; para Dias (2011b), “nisso consiste o político, a cidadania”. É preciso dar-lhes possibilidades de ressignificar os sentidos já pré-concebidos da sua formação social.

As oficinas são propulsores da produção de conhecimento, que são o meio principal para atingir-se os objetivos do projeto. Não é intenção lidar com soluções paliativas relacionadas aos problemas da ordem da estrutura social. Para Dias (Ibid.), partimos da compreensão do social como politicamente significado. A “inclusão social” virá como consequência de uma posição do sujeito no mundo.

A comunidade tem demonstrado afirmações constantes de uma visão de grupo que não permite uma entrada com contrapartida simples e ingênua por parte deles. Pelo contrário, têm participado, opinado e requisitado muitas ações à equipe do *Barracão*. Já pudemos observar, também, que lá, como na maioria das comunidades/grupos sociais, há um confronto ideológico já nesse espaço *micro*; nela mesma notamos uma estrutura, uma forma de organização que não é uníssona/uniforme, havendo disputas e tensões constantes que remetem a uma cena própria de hierarquização e luta pelo poder.

Uma das máximas da Análise de Discurso é a de que os sentidos estão sempre em movimento. Ao focar isso, penso, principalmente, nos contrapontos que nosso imaginário acadêmico recebe quando estamos na comunidade desenvolvendo alguma atividade. Algumas investidas funcionam, muitas outras nem tanto, e algumas delas conseguem nos deixar realmente preocupados, fazendo com que tenhamos de reformular diversos planejamentos que já haviam sido previamente traçados.

Como já dito, o objetivo inicial do projeto era o de utilizar o espaço do Barracão para realizar uma série de oficinas e atividades diversificadas envolvendo arte, cultura e educação.

Esse objetivo ainda existe, porém, por problemas estruturais e devido à natureza das atividades propostas, elas têm sido desenvolvidas na Associação de Moradores do núcleo. Com a evolução do trabalho, o espaço físico Barracão ainda se configura como uma meta, porém é um espaço que precisa de um trabalho estrutural específico para que possibilite o desenvolvimento de outras atividades.

Atualmente, o projeto encontra-se com sua verba principal atrasada (apesar das perspectivas de liberação), o que implica diversas restrições no andamento das atividades, sendo que estas acabam por depender do esforço conjunto da equipe. As oficinas de informática, por exemplo, demandaram soluções bem específicas por parte da equipe. Na falta da verba oficial, tais oficinas foram possibilitadas apenas com a doação de alguns equipamentos, recondicionamento e reaproveitamento de outros, a partir de um esforço conjunto dos sujeitos que fazem parte da equipe do projeto e da Associação de Moradores do Eldorado. Essa informação se faz necessária para que se compreenda a dinâmica das atividades e os motivos que explicam as características das atividades que descrevemos.

Minhas primeiras visitas ao Barracão ocorreram com algumas atividades-piloto que lá estavam sendo realizadas. A coordenadora do projeto me apresentou para o responsável comunitário, presente no dia, e ele nos apresentou a membros que por lá passavam, além das crianças que participavam das atividades esportivas que aconteciam. Esse dia já foi o início do primeiro choque, que diz respeito aos sentidos sempre em movimento que mencionei anteriormente. Já naquele momento, meu imaginário começava a ser desconstruído.

Nós chegamos com um discurso permeado fundamentalmente pelas ideias de liberdade e de troca, de construção conjunta, de atividades extracurriculares, penso que podemos chamar de atividades com a característica *não-escola*. Como contraponto, percebemos que tudo ali funcionava com os sentidos em outra direção. No momento em que nos apresentava às crianças, o instrutor do futebol, conhecido na comunidade como “prof.” Luiz, já instaurava um tipo de relação não previamente imaginada, a partir de dizeres que privilegiavam conferir o peso institucional à nossa presença, “o pessoal da Unicamp está aqui”; além de reforçar uma relação unilateral, “eles vão trazer muitas atividades para vocês”. Ainda, ao definir o que iria acontecer, ele dizia para as crianças que elas precisavam nos respeitar e respeitar as atividades, pois todas elas seriam “curriculares”, ou seja, as crianças teriam de “participar sem reclamar”. Algumas vezes ele até dava exemplos, como quando mencionou as oficinas de cinema: “quando tiver lá assistindo filme, num é pra ficar reclamando que o filme é chato”. Podemos notar que no modo de enunciação, afetado pelo imaginário da Universidade como lugar do saber legitimado, dizer “pessoal da Unicamp”

confere legitimidade e autoridade a nós e às atividades que iríamos realizar. É o *discurso autoritário* funcionando, não deixando lugar para o *discurso lúdico* ou *polêmico*⁵.

Quanto ao uso do pronome de tratamento “prof.” para se referir ao responsável pelo projeto 2º tempo e também morador do bairro Eldorado dos Carajás, é interessante apontarmos que nessa relação já está posta a importância da instituição, a força da escola e do curricular na figura do professor. Luiz não é professor, mas a posição que ele ocupa ensinando as crianças a jogar futebol autoriza o uso dessa forma de tratamento, embora essa não seja sua profissão. O “prof.” aí não remete à profissão, mas à posição de autoridade perante as crianças. Da mesma forma, essa posição de autoridade também funciona pela retomada própria da memória relativa ao futebol. Ali, Luiz atua como um “técnico” de futebol para as crianças e adolescentes que participam do projeto. Essa é a imagem que se constrói com sua atuação, condizente com o que essas crianças, por exemplo, veem na televisão, acompanham no mundo do futebol. Luiz usa vestimentas de técnico, tem uma postura de técnico, tem um apito na mão (o que já produz um sentido de autoridade). E, no mundo do futebol, é comum, mesmo para adultos da seleção brasileira de futebol, referirem-se ao técnico como “prof.”.

No momento em que entrávamos em contato com esse funcionamento do discurso autoritário do curricular, com essa discursividade, compreendíamos, perfeitamente, que esse era o modo constituído ali, naquele grupo, que era assim que “as coisas funcionavam”. Não que isso nos surpreendesse, mas gerava um certo incômodo, porque já iniciava ali uma relação baseada em moldes que não eram desejados na idealização do projeto. Sem contar que dizeres aparentemente simples e despretensiosos, como o do exemplo da oficina de cinema acima mencionado, já direcionavam os sentidos daquela relação que se iniciava. Afinal, com esse exemplo, ele já partia do pré-construído⁶, do efeito de já dito, de que os filmes seriam “chatos” e que as crianças iriam “reclamar”, sendo que esse dizer funcionava quase que como uma medida cautelar para possíveis acontecimentos, direcionando a própria produção de sentidos por parte das crianças e adolescentes que participariam das oficinas. Interessante observar aqui que esse já-lá é um efeito do sentido da escola. Ao mesmo tempo em que a

⁵ Estamos aqui nos referindo a tipologia do discurso proposta por Orlandi (2007, p. 86). Para a autora, é possível distinguir três tipos de discurso em seu funcionamento: o discurso autoritário, o lúdico e o polêmico. É dessa tipologia que ela parte para caracterizar o discurso pedagógico. O discurso autoritário seria aquele em que o referente está “ausente” e resultaria na polissemia controlada. O lúdico mantém o objeto presente e os interlocutores se expõem a essa presença, isso resultaria numa polissemia aberta. O polêmico mantém a presença do objeto mas os interlocutores não se expõem, procurando dominar o referente, dar-lhe uma direção, o que resultaria numa polissemia controlada.

⁶ Que é “a impressão do sentido lá que deriva do já-dito, do interdiscurso e que faz com que ao dizer já haja um efeito de já dito sustentando todo dizer” (PÊCHEUX, 1995, p. 18). Ao formularmos, somos afetados por todos os dizeres e discursos circulantes, assim, o pré-construído é constitutivo de nossas formulações.

escola (o curricular) autoriza e legitima, ela desautoriza, porque o que vem dela é “chato”. Esse é o pré-construído que está funcionando aí, na contradição. É a ilusão do sentido já-lá da qual fala a Análise de Discurso. O sentido sempre pode ser outro, mas o modo de constituição próprio do prof. Luiz, sua filiação ideológica, já tinha como pré-construído quais seriam os sentidos produzidos pelas crianças, talvez até baseado nos sentidos que ele próprio previamente construía para o que ali estava acontecendo e para o que viria a acontecer.

Naquele mesmo dia, a atividade-piloto realizada revelou alguns pontos importantes para o caminhar das atividades posteriores. O primeiro ponto foi a conclusão de que não era viável desenvolver as atividades do projeto nos mesmos dias, horários e local das atividades do futebol que ali aconteciam. Isso era visível no desinteresse que a maioria das crianças demonstrava. Apesar disso, no interesse observado em algumas delas, ficou claro que havia, sim, formas de despertar o interesse das outras para o projeto, mesmo com o futebol ao lado, pois ao abordar temas e passar vídeos que diziam respeito diretamente ao cotidiano daquelas crianças, muitas delas se mostravam interessadas, identificando-se com o que ali era mostrado, interagindo, conversando sobre a cidade e sobre a comunidade em que viviam. Isso foi fundamental para o planejamento e realização das atividades posteriores.

Dali em diante, o contato foi mantendo-se, o planejamento em conjunto com a comunidade era realizado e as ideias para as atividades do projeto iam surgindo e/ou sendo aprimoradas. O momento em si era difícil, pois a comunidade passava por uma troca de administração na Associação de Moradores do bairro, fato que também delongou algumas ações do projeto. Nos meses que se seguiram, muitas atividades foram acontecendo, reuniões de planejamento, oficinas de cinema, oficinas de artesanato e a preparação da infraestrutura para as oficinas de informática, que aconteceriam alguns meses depois. Nas reuniões com a comunidade, podíamos perceber alguns dos seus principais anseios e características.

Na reunião de apresentação do projeto para a nova equipe que estava à frente da Associação de Moradores, pudemos perceber alguns pontos importantes: os sujeitos da comunidade possuem uma certa dificuldade para compreender a proposta do projeto; alguns membros da nova equipe demandavam a existência de atividades do tipo “profissionalizantes”, “necessárias para os jovens”. No início, as atividades que pendiam mais para o âmbito artístico-cultural, estímulo da criatividade, tiveram certa dificuldade de aceitação. Isso se modificou com o envolvimento nas oficinas. Apesar de não ser o objetivo do projeto, percebe-se que essa colocação em um patamar padrão de projetos sociais, em certa medida, conforta a comunidade, sendo que eles depositam uma grande fé em algumas das oficinas, a partir dessas perspectivas mais ligadas à inserção no mercado de trabalho. Em

alguns casos isso até pode acontecer, mas apenas como consequência da dinâmica das atividades e das posições de mundo assumidas pelos sujeitos ali envolvidos.

4. Considerações finais

Neste texto, mesclamos relatos, teorizações e análises. Trouxemos alguns breves relatos, bem como problematizamos alguns pontos que nos foram centrais. O discurso da inclusão enquanto algo essencialmente contraditório. No seu funcionamento, pela contradição, percebemos que seu sentido outro, o da exclusão, não funciona como tal, ou seja, o excluído que tem a chance de se incluir, mas funciona como segregação, reforçando a desigualdade social. No Barracão, podemos distinguir duas práticas que deslocam o discurso da inclusão: pelo viés do Estado, temos o sentido do curricular. Assim, para um adolescente participar de uma investida de ID do Estado, ele tem que estar na escola. Essa relação é a contradição da inclusão, ela própria produz a segregação. Pelo viés do Barracão, temos o sentido do extracurricular. Assim, para um adolescente participar de uma investida de ID do Barracão, ele não tem que estar, necessariamente, na escola. Essa tensão curricular/extracurricular foi um dos pontos problematizados quando trouxemos o exemplo do prof. Luiz, introduzindo a ideia das atividades *não-escola*.

Falamos, também, da produção de sentidos por parte da comunidade, da subjetivação dos sujeitos e sua individualização por parte do Estado. O processo de individualização do sujeito da periferia, aqui abordado, acontece através do discurso da inclusão, seja ela social ou digital. E esse discurso está diretamente ligado à ordem econômica, capitalista, que funciona pela instrumentalização e colocação no mercado de trabalho. Assim, o que o *Projeto Barracão* propõe não é uma ruptura em relação a isso, pois não há como fugir dessa lógica, não há como excluir-se dela. A proposta é propiciar outros caminhos possíveis, oferecer novos materiais, conhecimentos, ferramentas, que possibilitem aos sujeitos uma produção de sentidos diferentes, que lhes permitam construir suas próprias territorialidades subjetivadas dentro da lógica desterritorializante capitalista contemporânea, na perspectiva de um espaço simbólico de produção de sentidos como é o caso do Barracão. O *Barracão* não é estaque, não dá receitas prontas, ele é um espaço de possibilidades, outros recursos, outras ferramentas, outros discursos. Cabe aos sujeitos moradores do Eldorado produzirem sentidos a partir de suas próprias condições de produção e filiações discursivas ao longo do projeto.

5. Referências Bibliográficas

DIAS, Cristiane Pereira. **Cidade, Cultura e Corpo: a velocidade do mundo**. Campinas, SP: LABEUB/UNICAMP, 2011a. 70p. Série: Escritos, nº 10.

_____. Extensão, sociedade e tecnologia: o Projeto Barracão. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 295-309. 2ª parte, 2011b. Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/RVE2/5v.pdf>>. Acesso em 25 de abril de 2012.

GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed.34, 2000, c1992. 203p.

_____. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Revista Espaço & Debates**, nº 16, 1985.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2.ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. 376p.

NUNES, J. H. Escrita e subjetivação na cidade. In: MARIANI, Bethania (org.). **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006. 222 p.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007. 100 p.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2008. 222p.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. 287 p.

SANTOS, V. W. O. **A produção de sentidos no Barracão: discurso, inclusão e subjetivação**. 2012, 159p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.